

A TROCA DA ENXADA PELO LÁPIS: ANÁLISE DO PROCESSO DE PROTAGONISMO ACADÊMICO DE CORPOS NEGRO

Dannyella Paiva Conceição¹, Hélio Márcio Nunes Lacerda²

¹Estudante do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <dannypaiva160@gmail.com>

²Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFTO-Campus Araguaína - e-mail: <helio.lacerda@ifto.edu.br>

Resumo: Apoiado em depoimentos transcritos de estudantes negros do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) investigamos o desempenho e trajetória, por meio de depoimentos, o protagonismo estudantil que por vez foi silenciado através de políticas no processo histórico mascarado para intencionar o fracasso de uma parcela da população. Portanto, procuramos saber como ocorreu a ocupação de corpos negros na instituição e a superação de parte das tentativas de fracasso impostas pelo sistema educacional e histórico. Para isso destaca-se a importância de legislações, como a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira no currículo escolar; instauração de cotas; acesso a literaturas especializadas; e, as falas a fim trazemos a indagação neste artigo para entender o processo de destaque e representatividade dos povos afrodescendentes.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003, Lugar de Fala, Progresso, Racismo Estrutural, Representatividade Negra.

1 INTRODUÇÃO

Nesta produção, levantamos a discussão a respeito das expressões do racismo no ambiente escolar, na qual utilizando como base relatos de discentes. Objetivamos investigar as etapas para o protagonismo acadêmico e ocupação de corpos negros em espaços de poder através da ruptura do silêncio racial no Campus Araguaína. Analisada em cima das produções, discutimos as estratégias para o enfrentamento, e o impacto das políticas públicas tangíveis, com a lei 10.639/3 que visibiliza grupos historicamente excluídos, tornando obrigatório na legislação brasileira o estudo dos conhecimentos afro-brasileiros. Um exemplo de tais estratégias, é a apropriação da consciência do que Ribeiro (2017) colocou por lugar de fala.

A pesquisa de caráter qualitativo está fundamentada por verificação e revisão bibliográfica das literaturas e obras especializadas, a fim de fundamentar a abordagem do presente estudo e percepções adequadas, no que refere às possíveis formas de repressão social negra.

2 METODOLOGIA

A investigação, de cunho qualitativo, aqui produzida buscou mapear o processo de protagonismo de estudantes negros a partir de depoimentos escritos de dois discentes do Instituto Federal do Tocantins - Campus Araguaína, sendo ambos do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Os relatos foram gerados no segundo semestre de 2019 e analisados a partir de: Brito e Nascimento (2013), Ribeiro (2017), Almeida (2018), Ribeiro e Barbosa (2001), Almeida e Sanchez (2016) e Constituição Federal (1988). Do ponto de vista teórico nosso trabalho se inscreve na perspectiva dos Estudos Culturais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Racismo como uma ferramenta de opressão

A pesquisa partiu da atuação acadêmica de alunos negros. E busca por compreensão com base nos textos (produzidos por eles) os respectivos processos que levaram ao protagonismo acadêmico por meio da conquista de espaços importantes, como o ingresso no IFTO, e a de consciência do lugar de fala.

Sicrano traz a seguinte narrativa:

Minha mãe sempre sendo professora de história no ensino público e meu pai um supervisor de vendas. Estudei o ensino fundamental em uma escola pública onde tinha de tudo, pouca estrutura e também preconceito, como em qualquer lugar. Durante esse período eu cresci tratando com naturalidade as piadinhas sobre o cabelo, nariz e etc, apenas entendendo que eu era feio e deveria aceitar isso. (Depoimento Escrito, Sicrano, 23/09/2019)

Temos aqui a presença de uma hierarquia de valores sociais pautados na racialização dos corpos, estabelecendo uma divisão binária entre o belo e o feio, negro e branco, cabelo bom e cabelo ruim. Observamos então através do exposto acima que essa distinção é produzida para desvalorizar os traços fenotípicos de matriz afro. Almeida (2018) chamou esse processo de organização estrutural racial e racista, que abarca a vida social e política. Mais adiante evidenciamos na fala do entrevistado: “*Estudei o ensino fundamental em uma escola pública onde tinha de tudo, pouca estrutura e também preconceito, como em qualquer lugar. Durante esse período eu cresci tratando com naturalidade as piadinhas sobre o cabelo*”. Na fala o sujeito passa a naturalizar a discriminação, entendendo-a como natural, se inferiorizando e se percebendo responsável por suas próprias mazelas. Ademais, o trecho da entrevista evidencia que além da negação ao acesso de qualidade a jovens negros, esses ainda tendem a possuir uma introdução conturbada no ambiente que deveria proporcionar as primeiras formas de socialização, e não a exclusão, que deriva como resultado de resquícios históricos, consequentemente dificultando o êxito escolar em um sistema educacional com tendência à produzir o fracasso de parte da população.

No depoimento de Beltrano, surge experiências em comum com a fala anterior que reforçam a institucionalização do racismo estrutural. Diante disso podemos perguntar afinal o que faz com que indivíduos distintos tenham vivências em comum? Se não uma inserção de conjuntos de significados previamente estabelecidos pela estrutura social, feitos para configurar o funcionamento de instituições,

públicas ou privadas, que concede privilégios pela raça, para manter a hegemonia de determinado grupo no poder, logo obtivemos por Beltrano:

No ano de 2008 eu entrei no ensino fundamental I, em uma escola, a partir deste momento começa minha trajetória acadêmica. Trajetória que eu acho que parece com a maioria, onde enfrentamos rotineiramente a ausência de estruturas e mecanismo na nossa escola que acaba nos privando de diversas atividades (como exemplo: aula de educação física, na minha escola não tinha um ambiente de realizar a aula, mas mesmo assim os professores encontrava alternativas para nos levar essas atividades). (Depoimento Escrito, Beltrano, 23/09/2019)

No trecho seguinte lemos:

Eu sempre observava no meu ensino fundamental, era o fato da influência das coisas fora da escola no rendimento dos alunos, mas mesmo assim era evidente a nossa persistência, pois era verídico que todos ali almejava algo para seu futuro e isso acabava fazendo com que eles persistisse nesse processo, rumo a novos horizontes que lhe tirasse daquela situação de pessoa vulnerável. Como exemplo eu uso eu, desde quando me entendo por gente desejava ser professor sempre foi meu sonho, pois era uma profissão que eu me identificava. (Depoimento Escrito, Beltrano, 23/09/2019)

O fragmento revela pela perspectiva histórica os reflexos dos mecanismos sociais e as consequências das mazelas sócio-raciais no ambiente escolar atualmente, a compreensão desse reflexo ocorre por meio de uma série de medida estabelecidas desde o início da “Colonização”, a exemplo temos de uma lei complementar a constituição do Império brasileiro de 184 que proibia os negros o direito de estudar. Entendemos que essa foi só uma das muitas ações que levaram à marginalização da população negra, a passo que ao negar acesso a ensino e anos mais tarde em 1888 atribuir liberdade a esse grupo sem qualquer tipo de inserção, gera consequentemente o surgimento de um sistema opressor fazendo com que a pessoa fique em uma situação vulnerável como ao descrito no caso relatado pelo aluno.

3.2 Percepção do racismo e o uso do lugar de fala como instrumento para conquistas

Em relação aos processos de repressão, não significa dizer que é algo imutável. Nascimento (2013) vê nas políticas públicas um encaminhamento possível para resolver a questão racial no Brasil. Nessa perspectiva a atuação para romper ou ao menos compreender essas construções molda-se pelo que Ribeiro (2017) chamou de lugar de fala que traduz-se na percepção dessa realidade por o lugar de fala na hierarquia social no qual por meio dela desenvolvemos nosso papel de protagonismo que anteriormente foi silenciado. A representação desta consciência de posicionamento pela fala pode ser constatada no trecho:

¹ Beltrano, assim como Sicrano foram nomes fictícios atribuídos aos estudantes, para preservar o anonimato das suas identidades.

Sendo assim no ano de 2016, eu participei do processo seletivo do IFTO, fui aprovado como aluno cotista, por cota racial, então entrei na instituição e lá presenciei uma nova realidade de estudo, realidade esta que veio como amadurecimento pra mim. E assim no decorrer do meu tempo no IFTO eu conheci diversas coisas novas como o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) que foi um lugar onde identifiquei minha identidade como jovem negro, algo que me fortaleceu no meu percurso acadêmico. Ainda em 2018 eu desenvolvi o meu primeiro artigo científico: Relato de Experiência: Visita Técnica no Quilombo. Este relato foi o resultado de uma experiência incrível no Quilombo Dona Juscelina, onde tive o primeiro contato direto com quilombolas. O que pude extrair desse dia, virou produção para uma jornada de iniciação científica do próprio IFTO. Aprovado, apresentei o trabalho em no IFTO - Campus Palmas e em outras feiras na UFT - Campus Araguaína. Hoje sei que tenho muito para aprender e aprimorar no que se deve ao racismo e as produções científicas, mas tenho que certeza que tenho um senso crítico muito mais aguçado depois das experiências no NEABI. Mudaram para melhor a minha vida.(Depoimento Escrito, Sicrano, 23/09/2019)

As manifestações dos colaboradores carregam o reconhecimento do lugar de fala social em suas vidas. Isso pode ser confirmado com Sicrano nas seguintes passagens: *“meu tempo no IFTO eu conheci diversas coisas novas como o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas) que foi um lugar onde identifiquei minha identidade como jovem negro, algo que me fortaleceu no meu percurso acadêmico.”* E *“tenho um senso crítico muito mais aguçado depois das experiências no NEABI”*. Por elas conseguimos identificar o estudo como instrumento de luta juntamente com a consciência do lugar de fala, não deixando de citar o papel importante das políticas públicas como a lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira no currículo escolar. A fim de visibilizar grupos historicamente excluídos, a legislação brasileira tornou possível e imperativo a inserção dos saberes de matriz afro e indígena assim como essa levaram à criação do que proporcionam a criação de ações como Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena (NEABI) que como ressaltado em ambas as falas fez-se muito considerável, logo temo que sanções como essas são necessárias, visto que abraçam as minorias tornando-se acessíveis e possuindo têm impacto na vida das pessoas como no caso destes jovens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base a atuação dos alunos negros no meio acadêmico do Instituto Federal Tocantins (IFTO), Campus Araguaína, investigamos e analisamos os textos desses estudantes sobre o protagonismo estudantil, através dos depoimentos buscamos entender a ocupação de corpos negros em ambientes de poder, e os processos históricos que retardaram ou sabotaram sua ascensão. Além de trazermos a percepção das formas de repressão, compreendemos que o embate ocorre por meio do reconhecimento do lugar de fala para assim o sujeito ser capaz de exigir seus direitos. Diante dessa constatação temos que o trabalho se faz relevante por levantar discussões a respeito do assunto e quem sabe até mesmo contribuir para a produção de futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; SANCHEZ, Livia. **Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil**. Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte (MG): Letramento 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Instituída na Constituição Federal. **Diário oficial da União**: Seção 1 de 10/01/2003, Brasília (DF). 182º da Independência e 115º da República.

NASCIMENTO, Abdias de. **O Genocídio do negro Brasileiro**, São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Valdecir; BRITO, Benilda (Orgs.). **Negras (in)confidências. Bullying, não. Isto é racismo**. Mulheres negras contribuindo para as reflexões sobre a Lei 10.639/03. Belo Horizonte (MG): Mazza Edições, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Orgs.). **Cadernos Negros, 24: contos afro-Brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2001.